

## **A literatura e a história**

Até o século 19 pelo menos, a história foi lida geralmente como se pudesse representar o passado verdadeiro. Os textos de história representavam para grande parte das pessoas a possibilidade de obter a verdade e até, nalguns casos, reconstruir os fatos. Ora, os fatos não se reconstituem. Uma vez passados, se tornam irrecuperáveis. O que se tem deles, então, são relatos. O imaginário e a imaginação constituem a complementação do que se torna irrecuperável ou inatingível. Presentemente se começou a discutir uma visão do mundo mais consentânea com a natureza das coisas que estão nele, que são perecíveis. Vale dizer: nada é perene, ou tudo se dissolve no que se convencionou chamar de tempo.

A história da humanidade (ou a explicitação dela), como nós a entendemos ainda hoje, dependeu sempre da escrita. Como quem detinha o domínio da cultura letrada era o poder organizado e hegemônico, a história que se conhecia era a desse segmento social que o controlava. A outra parte da população, por lhe ter sido negado o acesso às letras ou por lhe ter sido vedado o espaço de expressão, esteve sempre à margem.

A história oficial, como ficou dito, era tomada como a última expressão da verdade. Desse modo, veio expressa através de atos emblemáticos de representantes do poder legal, seus reis e heróis, por exemplo. Assim foi instituída e assim foi mantida.

Com o advento de novas concepções sobre a verdade, como a que a entende como relativa e nunca absoluta, o conceito de diálogo se sobrepôs. Noutras palavras: a verdade não pode ser obtida por uma voz, por uma única consciência pensante. Da verdade o que é possível se obter são elementos, partes, sinais, demonstrações. Quanto mais consciências autônomas façam uso da palavra, mais possibilidades se terão de desenhar a possível verdade, encontrar sinais dela, desvelá-la, ainda que sempre parcialmente. Permanece, por conseguinte, a consciência de que só a podemos obter fragmentariamente.

A literatura nunca se concebeu como a expressão unilateral nem universal da verdade, mas perseguiu sempre a ideia de expressar algumas possibilidades de vislumbrá-la. A literatura teve a consciência de trabalhar por partes, sem qualquer sentido de absoluto. Por isso, a literatura, ao invés de se expressar com voz única, cria, nas narrativas por exemplo, vários personagens, que agem através da palavra do narrador. Os personagens, no entanto, têm visões diversas e até opostas no universo ficcional. Com isso, geram a diversidade, única maneira possível de expressar alternativas de verdades parciais. Dessa forma, o texto literário pretende refletir sobre o mundo de maneira diversificada e assim se aproximar um pouco mais do sonho humano do conhecimento ou elaboração da verdade possível.

O homem é incompleto. Está sempre em busca, e nada o satisfaz. Os personagens da literatura procuram representar e expressar essa nuance característica da condição

humana. O universo humano, enfim, é sempre fragmentário. Daí o conhecido aforismo de que há em cada cabeça uma sentença. Vale dizer: as pessoas não reconhecem integral nem identicamente o mundo como ele lhes chega. O mundo é concebido de maneiras diversas e muitas vezes contraditórias. Mantém cada um, por isso, a impressão de que tem razão. Nem mesmo os objetos simples do mundo são universalmente iguais, quando pessoas diferentes olham para eles e os examinam. Daí a necessidade do diálogo, da troca de palavras, que representa de fato o câmbio de impressões sobre o mundo, no afã de desvendá-lo um pouco melhor. A partir da interioridade de cada um, construída essa desde a intimidade das impressões e das histórias pessoais, o mundo se revela sempre diverso, mas ao mesmo tempo com algo em comum. Descobre-se isso, quando a pessoa com quem mantemos diálogo se revela nas palavras. Essa é a única verdade possível a se obter sobre o mundo que internamente as pessoas constroem.

Assim, portanto, a literatura também é (porque também faz) história. Além do que, se deixou penetrar pela palavra oral das camadas sociais sem voz oficial, tão válida quanto a escrita. Apesar disso, durante largo tempo se estabeleceu - e por alguns foi aceita - a arbitrária divisão da literatura em erudita e popular. De modo semelhante, a dicotomização entre história e literatura sob o aspecto ideológico constitui mais uma comprovação da precariedade do conhecimento humano, falsamente dicotomizado em posições antagônicas, na busca da hegemonia e do poder de subjugar.

Porto Alegre, 9/6/1996.

Cicero Galeno Lopes.

Obs.: Este material foi publicado originalmente em jornal diário.